**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CASSILÂNDIA**

**CURSO DE LETRAS – HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS**

**Letícia de Paula Silva**

**O Posicionamento Feminino nos Contos de Fadas de Cinderela e A protegida de Maria**

**Cassilândia/MS**

**2018**

**Letícia de Paula Silva**

**O posicionamento feminino nos Contos de Fadas de Cinderela e A protegida de Maria**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Cassilândia, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Letras – Habilitação Português/Inglês.

Orientador: Prof. Me Leila Aparecida Cardoso de Freitas Lima

**Cassilândia/MS**

|  |
| --- |
| SILVA, Letícia de Paula.   O posicionamento feminino nos Contos de Fadas de Cinderela e A protegida de Maria*.* 2018.  XX f.: 21 x 29,7 cm           Orientador: Prof. Me Leila Aparecida Cardoso de Freitas Lima    **Monografia** - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Cassilândia. Curso:  Letras – Habilitação Português/Inglês.    1.  Mulher. 2. Contos de Fadas. 3. Sociedade        Código de área CNPQ:                                                             CDD: |

**LETÍCIA DE PAULA SILVA**

**O posicionamento feminino nos Contos de Fadas de Cinderela e A protegida de Maria**

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Habilitação Português/Inglês.

**Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Prof.ª Me

Leila Aparecida Cardoso de Freitas Lima

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Prof. Me

Telma de Souza Garcia Grande

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Prof.ª Me

Carolini Cristina Santos Alpe Bonez

**Cassilândia/MS**

**2018**

*Dedico esse trabalho em especial aos meus pais, que sempre me deram forças e me incentivaram para chegar onde estou.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, por me dar à vida, pais maravilhosos, saúde e capacidade para conseguir o que quero.

Agradeço aos meus pais, Aparecido Ferreira da Silva e Rosângela Aparecida de Paula, que sempre me deram muito amor, educação, incentivo e força para estudar, concluir essa graduação e a ir em busca dos meus sonhos.

Agradeço a minha admirável professora orientadora Leila Aparecida Cardoso de Freitas Lima, por ser uma professora e pessoa maravilhosa a me orientar neste trabalho, o qual foi de grande dificuldade para mim, contudo, ela manteve-se sempre disposta e atenta a me auxiliar.

Agradeço a todos os professores que tive durante a graduação, pois cada um teve uma grande importância para que eu conseguisse concluir esse curso.

Aos meus amigos e em especial ao *Vale* que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando, ajudando e fazendo deste momento importante para mim, mais feliz.

Ao meu grande e querido amigo Jorge Augusto Leite, que em meus momentos difíceis e felizes, permaneceu ao meu lado, sempre buscando formas de me ajudar.

Agradeço ao meu namorado Alan Marcos Silva, por me dar ânimo, apoio e confiança para vencer os momentos difíceis que passei durante a graduação.

*MAKTUB*

Silva, Letícia de Paula.*O posicionamento feminino nos contos de fadas de Cinderela e A protegida de Maria.* 2018. f. Trabalho de Conclusão de Curso: Letras – Habilitação Português/Inglês. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Cassilândia.

**RESUMO**

Este trabalho acadêmico tem como principal objetivo demonstrar o posicionamento feminino dentro da sociedade patriarcal durante o Romantismo, analisando os contos de fadas. Para melhor explicitação será feita uma exposição do que foi o movimento literário Romantismo, os contos de fadas, a postura feminina, e a importância dos clássicos na formação da personalidade. Portanto, será feita a análise de dois contos de fadas dos Irmãos Grimm são eles: “Cinderela” e “A protegida de Maria”. No conto “Cinderela” será observada a submissão da mulher durante o momento patriarcal, e como a mulher daquele tempo reagiu a isso. Em “A protegida de Maria”, será analisado o posicionamento feminino no mesmo contexto histórico do conto de “Cinderela”, no entanto, aqui a reação dessa personagem, será diferente da personagem do conto anterior. Por final, será feito um contraponto, esperando confirmar a ideia de que mesmo obtendo reações diferentes, ambas podem ser consideradas heroínas de seu tempo.

**Palavras-chave**: Mulher; “Cinderela”; “A Protegida de Maria”; Irmãos Grimm; Romantismo.

Silva, Letícia de Paula.*O posicionamento feminino nos contos de fadas de Cinderela e A protegida de Maria.* 2018. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso: Letras – Habilitação Português/Inglês. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Cassilândia.

**ABSTRACT**

This academic work has as main objective demonstrate the feminine position within the patriarchal society during the Romanticism, analyzing the fairy tales. For a better explanation, an exposition of the literary movement Romanticism, the fairy tales, the feminine posture, and the importance of the classics in the formation of the personality will be made. Therefore, it will be made the analysis of two fairy tales of the Brothers Grimm they are: "Cinderella" and "The protected one of Maria". In the story "Cinderella" will be observed the submission of the woman during the patriarchal moment, and how the woman of that time reacted to it. In "The Protected of Mary", the female positioning will be analyzed in the same historical context of the story of "Cinderella", however, here the reaction of this character will be different from the character of the previous story. Finally, a counterpoint will be made, hoping to confirm the idea that even when getting different reactions, both can be considered heroines of their time.

Keywords: Woman; "Cinderella"; "The Protected One of Mary"; Brothers Grimm; Romanticism.

**SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO...........................................................................................................11

1. CONTO DE FADAS: O SÉCULO DO ROMANTISMO...........................................12

1.1 O Romantismo .....................................................................................................12

1.2 A Literatura e a figura feminina............................................................................15

1.3 Construindo um mundo de sonhos.......................................................................16

1.4 A importância dos clássicos na formação da personalidade...............................18

2. CINDERELA: A POSTURA FEMININA NA SOCIEDADE SO SÉCULO XIX.........18

2.1 O conto.................................................................................................................18

2.2 A submissão em Cinderela...................................................................................20

2.3 Cinderela: Uma heroína do seu tempo.................................................................28

3. A PROTEGIDA DE MARIA: UMA HEROÍNA PROBLEMÁTICA............................29

3.1 Sobre o conto.......................................................................................................29

3.2 O Romantismo......................................................................................................31

3.2 A protegida de Maria como uma protagonista empoderada................................31

3.4 Heroína na sociedade patriarcal...........................................................................34

CONSIDERAÇÕES FINAIS.......................................................................................36

REFERÊNCIAS..........................................................................................................38

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem como intuito principal demonstrar o posicionamento feminino dentro da sociedade patriarcal tendo como movimento literário o Romantismo, utilizando dois contos de fadas dos escritores alemães Irmãos Grimm, como material de análise.  
 No primeiro capítulo, será apresentado o Romantismo, contexto histórico e principais características, em seguida será exposto como a figura feminina é demonstrada na literatura. Os contos de fadas também entraram neste tópico, pois são eles os materiais que serão utilizados para as duas análises, e seguidamente o último tópico do capítulo que será sobre a importância dos clássicos na formação da personalidade.  
 No segundo capítulo, será feita uma análise da figura feminina submissa na sociedade patriarcal no conto “Cinderela”. Neste momento será demonstrado como a mulher age em decorrência da sociedade machista.  
No terceiro capítulo sobre o conto “A protegida de Maria” será analisado como uma protagonista – heroína de seu tempo – diferente das personagens de Cinderela, se nega a aceitar o que a sociedade conservadora impõe às mulheres da época.  
 Nas considerações finais será feito um contraponto entre os dois contos analisados e exposto a conclusão e resultados alcançados do presente trabalho.

**Capítulo 1**

**Contos de fadas: O Século do Romantismo**

* 1. **O Romantismo**

Muitos críticos literários afirmam que o Romantismo inaugura a “era moderna” na Literatura universal. Tal conceito de modernidade está presente neste movimento devido aos desdobramentos que o Iluminismo – corrente filosófica situada no século XVIII – proporcionou aos movimentos artísticos subsequentes.  
 Neste contexto observa-se as publicações dos contos de fadas dos Irmãos Grimm no início do século XIX. O Romantismo surge na Alemanha e Inglaterra no final do século XVIII. Em 1812 Jacobs e Wilhelm –os Irmãos Grimm– publicam os contos “A protegida de Maria” e o clássico “Cinderela”. Deste modo, neste capítulo, situaremos o leitor acerca do contexto histórico dos contos de fadas que serão analisados nos próximos capítulos e, sobretudo, exaltaremos certas características do Romantismo que contribuirão como embasamento para a posterior visada analítica nos contos de fadas.  
 O Romantismo trata-se de um movimento artístico, político e filosófico que surgiu nas últimas décadas do século XVIII na Europa. Este movimento perdurou por grande parte do século XIX. Firmou-se como uma visão de mundo reacionária ao Racionalismo e ao Iluminismo e buscou um nacionalismo que contribuiu para a construção dos estados nacionais na Europa.

Esse movimento surge em meio à revolução social da burguesia.

Segundo a interpretação de Karl Manheim, o Romantismo expressa os sentimentos dos descontentes com as novas estruturas: a nobreza, que já caiu, e a pequena burguesia que ainda não subiu: de onde, as atitudes saudosistas ou reivindicatórias que pontuam todo o movimento. (BOSI, 2015, p.95)

No Romantismo encontramos conflitos com a ascensão dos menos favorecidos e o declínio da nobreza, com isso surge sentimentos descontentes. Mesmo que as colônias estejam em evolução continuam sendo dominados pela nobreza. Por conseguinte, o Romantismo foi liderado por jovens estudantes da alta classe média dos países, como é dito por Safranski a seguir:

O Romantismo é uma época áurea do espírito alemão, com grande irradiação para outras culturas nacionais. Acabou enquanto época, mas o romântico permaneceu com outra postura. Este quase sempre está em jogo quando um mal-estar diante do real e do usual busca por saídas, mudanças e possibilidades de transcendência. O romântico é fantástico, criativo, metafísico, imaginário, tentador, transbordante, profundo. Não tem obrigação de consenso, não precisa ser útil à sociedade, sim, nem mesmo à vida. Pode estar apaixonado pela morte. O romântico busca a intensidade até o sofrimento e a tragicidade. [...] O romântico ama os extremos; uma política sensata, por sua vez, ama o compromisso (SAFRANSKI, 2010, p. 355).

Percebe-se nas palavras do autor que o Romantismo vem influenciar outras culturas alemãs. Tamanha a força do movimento que, mesmo depois de ter sido superado – momento em que surge o Realismo – pôde-se encontrar suas características na sociedade. Na verdade, o movimento romântico influencia toda a Europa até sua chegada no Brasil.

A arte romântica é a primeira a consistir no “documento humano”, a confissão escancarada, a chaga posta a nu. Quando a literatura do Iluminismo louva o burguês, invariavelmente o faz com o simples propósito de atacar as classes superiores; o movimento romântico é o primeiro a aceitar como ponto pacífico que o homem burguês é a medida do homem. O fato de um tão grande número de representantes do romantismo ser de nobre estirpe não altera o caráter burguês do movimento mais do que a atitude antifilisteia de sua política cultural. (HAUSER, 1998, p. 667)

Nota-se nas palavras do autor que o artista romântico aceita o fato de que o sujeito burguês “é a medida do homem” para a partir deste pressuposto tecer suas críticas. Muitas vezes a atitude de ataque às classes superiores, mesmo que sutis, serve ao propósito de construir a ironia romântica que por sua vez, surge como forma de reorganizar as características do Romantismo.  
 No panorama burguês relativamente livre – independente da moralidade – muitos autores se inspiravam nos padrões culturais europeus para escreverem suas obras, com isso houve conflitos de ideologias, por causa das diferenças entre os espaços. Normalmente, esses jovens escritores eram estudantes boêmios vivendo na província com uma existência doentia e artificial. Em suas obras era possível notar:

Tematização das atitudes vividas pelos escritores românticos. As coordenadas do contexto fazem-se traços mentais e afetivos.

O fulcro da visão romântica do mundo é o sujeito. Diríamos hoje, em termos de informação, que é o emissor da mensagem.

O eu romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão. (BOSI, 2015, p.95)

É possível observar o quão subjetivo eram os temas desse movimento colocando a opinião do eu interior como base para as obras.

A natureza romântica é expressiva. Ao contrário da natureza árcade, decorativa. Ela significa e revela. Prefere-se a noite ao dia, pois à luz crua do sol o real impõe-se ao indivíduo, mas é na treva que latejam as forças inconscientes da alma: o sonho, a imaginação. (BOSI, 2015, p.95)

Aqui é possível perceber que há exaltação da natureza como algo maior do que os olhos podem ver, as obras buscavam expor a relação do eu com o mundo, havia também um refúgio ao passado e ao devaneio. A noite era tida como melhor que o dia, pois a solidão é mais propícia durante a noite. Pode-se perceber, assim, a sutil crítica ao Iluminismo que se depreende nas antíteses “luz e trevas”. De repente seja na escuridão e não nas luzes do progresso que o eu pode encontrar sua verdadeira luz interior.  
 Além disso, outras características marcantes desse movimento são a exaltação divina e a idealização da mulher. Tudo é tratado de forma idealizada no Romantismo, sendo assim a mulher é vista como bela, frágil, submissa e muitas vezes inatingível. Geralmente, a musa romântica era virgem, e tal virgindade se fazia sentir no âmbito moral. Era vista, dessa forma, como uma mulher merecedora de respeito, e tinha temor a Deus. Sendo assim, era divina, muito próxima ao próprio Deus. Acerca disso, vejamos as palavras Werther Goethiano citado por Bosi:

Amigo, quando me vejo inundar de luz, quando o mundo e o céu vêm habitar dentro de mim, como a imagem da mulher amada, então diga a mim mesmo: “Se pudesses exprimir o que sentes! Se pudesses exaltar e fixar sobre o papel o que vive em ti com tanto calor e plenitude que essa obra se transformasse em espelho da tua alma, como é espelho de Deus Infinito (BOSI, 2015, p.99)

Neste respeito é possível ver que o homem busca uma proximidade com Deus para assim se sentir em paz. Classifica a mulher amada, desejada, como criatura possuinte de um espírito divinal, que ao pensar, estar perto ou tocá-la, pode ter a oportunidade de estar mais próximo de Deus. Entretanto, essa grande exaltação de Deus, pode trazer certos conflitos ao homem deste período.

A nós pertence/Ficar de pé, cabeça erguida, ó poetas/Sob as tempestades de Deus tomar com as mãos/O raio do Pai e o relâmpago,/E estender aos homens,/Sob o véu do canto,/O dom do céu./(Hoelderlin) (BOSI, 2015, p.100)

Deus é visto e tido como ordem suprema a se seguir e isso acaba os remetendo a opressão dos reais desejos dos homens e mulheres, pois estes têm como obrigação respeitar, aceitar e fazer a vontade de Deus, possibilitando assim os conflitos do eu com o outro e a sociedade.

**1.2 A Literatura e a figura feminina**

O tema acerca de como a figura feminina é abordado na Literatura é bastante recorrente. Com efeito, se no século XXI as sociedades ainda apresentam reflexos patriarcais imaginem como este problema situava-se em pleno século XIX. Deste modo, vejamos as palavras de Constância Lima Duarte (UFRN):

Annie Leclerc e Hélène Cixous exploram a introdução do corpo na arte a partir de um ângulo distintivo. Para Cixous a escritura feminina significa “escrever o corpo”, pois para ela o corpo feminino representa “impulsos instintivos e um desejo que surge do inconsciente”, para Leclerc “uma linguagem uterina”. Kristeva avança um pouco e considera o corpo como “gozo” e como “força semiótica na escritura capaz de quebrar a ordem simbólica restritiva.” LuceIrigaray com o pressuposto de que “feminino” significa mais que “mulher”, procura-o através dos discursos filosófico e psicanalítico (LIMA DUARTE, 1990, pp 15-23.)

Algumas dessas escritoras pesquisam a escrita feminina relacionada ao corpo da mulher, sua forma, reprodução, desejos sexuais e afins, no entanto, LuceIrigaray (1990), em sua pesquisa, vai além e ressalta que a figura feminina na Literatura está ligada ao instinto da mulher, seu inconsciente, aquilo que não se sabe o porquê se sente, mas que deve ser reprimido constantemente, apenas pelo fato de ser mulher, ser inferior ao homem. LuceIrigarayé a única que classifica “feminino” e “mulher” não apenas como algo que está relacionado ao corpo físico e seus desejos, mas sim a sentidos recorrentes da alma, sentidos esses que necessitam ser olhados com mais importância na sensibilidade do ser. Para a autora uma mulher não foi feita para servir, ela possui a oportunidade de saber, ser vista e tratada sob outras perspectivas.

Naturalmente é necessário um esforço analítico e interpretativo de cunho feminista para reconstruir tudo isso. É preciso sempre partir do fato histórico de que as mulheres eram consideradas inferiores e que na maioria das vezes isto estava tão introjetado, que elas mesmas se viam como tais. (LIMA, DUARTE, 1990, pp 15-23)

Isso ocorre porque os estereótipos vistos aqui estavam tão presentes em suas realidades que acabaram sendo classificadas como verdade. Neste contexto, as mulheres acreditavam que eram inferiores aos homens, tanto na vida em sociedade, quanto na capacidade de escrita.  
 Retomando os ideais românticos, compreende-se que embora o Romantismo tenha de fato inaugurado a era moderna na Literatura, este movimento em muito contribuiu para a construção de uma figura feminina fragilizada. Dessa forma, reiteramos que muitos destes ideais foram perpetuados ao longo dos séculos.

**1.3 Construindo um mundo de sonhos**

A criança quando entra em contato com os contos de fadas sente-se extremamente envolvida por eles, tomando para si o sentimento e sensação que os personagens estão vivendo, e assim pode comparar a sua vida a dos personagens. O intuito dos contos é aproximar a criança das histórias contadas, para assim ajudá-la a compreender, mesmo que inconscientemente, seus problemas vividos, pois as crianças também possuem seus problemas internos, assim como diz Bettelheim:

Diz Bruno Bettelheim que o conto de fadas tem um efeito terapêutico na medida em que a criança encontra uma solução para as suas dúvidas através da contemplação do que a história parece implicar acerca dos seus conflitos pessoais nesse momento da vida. (MENÉRES, 2003, p.1)

Os contos mantêm seus pequenos leitores sempre maravilhados com as histórias, pois necessitam disso, para tê-los focados, em cada detalhe descrito. Pode ocorrer de as crianças projetarem seus familiares nos personagens, e é justamente assim que se alcança uma proximidade maior com o conto.

A fada é sempre, para qualquer criança, uma certa imagem da sua própria mãe. Em primeira análise, porque é ela quem a acorda de manhã, lhe dá de comer e de beber, a veste e a embala. Mas esta “fada” que a criança pressente na sua mãe, nem sempre lhe aparece com cara radiante! Quando a criança se porta mal, a mãe zanga-se com ela. E na ansiedade da vida de todos os dias, quantas vezes a mãe, cansada e desiludida, não se zanga com ela um pouco injustamente! (MENÉRES, 2003, p.2).

A mulher presente nos contos de fadas é, comumente, caracterizada como a mãe boa, a madrasta malvada e fadas boas ou ruins. Já o homem nestes mesmos contos geralmente não enfrenta este contraste de bom ou mal. Ele é visto como o pai protetor, ou o caçador salvador, encantado e guerreiro. Aqui se pode perceber a diferença e supervalorização da imagem do homem, em que na maioria das vezes é visto como bom, forte e protetor. Há exceções de homens que são vistos como vilões como no conto Chapeuzinho Vermelho, entretanto ele é vencido, ou derrotado por outro homem mais forte, diferentemente de mulheres vilãs que na maioria dos contos são derrotadas por homens.  
 Os contos de fadas envolvem não só as crianças que as ouvem, ou as leiam, mas também quem os conta. Nessas leituras, ou quando são ouvintes, as crianças podem usar a imaginação para criarem espaços de seus sonhos. Assim é possível surgir suas brincadeiras de “faz de conta”, para realizarem vontades reais em seus mundos criados e irreais. Como foi dito anteriormente, as crianças possuem seus problemas internos. Quando elas fazem algo que desejavam e são punidas por este motivo, sentem raiva, medo, tristeza, e todas estas situações podem ser vistas por elas nos contos; deste modo, elas conseguem notar que é possível vencer estes sentimentos ameaçadores, assim como fazem os personagens.

Os contos de fadas garantem à criança que as dificuldades podem ser vencidas, as florestas atravessadas, os caminhos de espinhos desbravados e os perigos mudados, por menor e insignificante que seja quem pretende vencer na vida. E a criança, desprotegida por natureza, sente que também ela pode ser capaz de vencer os seus secretos medos, as suas evidentes ignorâncias. (MENÉRES, 2003, p.2)

No decorrer do tempo as crianças vão aprendendo o que se pode e o que não pode ser feito, por isso é importante deixar que elas compreendam de maneira mais autônoma os contos de fadas. Dessa forma, ela vai entendendo o lado negativo e o lado positivo das diversas situações, sendo que muitas vezes, as faces de um dado problema, ou conflito podem ser bastante relativas.

**1.4 A importância dos clássicos na formação da personalidade**

Ao ler os contos de fadas – os clássicos – o jovem pode se encantar com a obra, no entanto, não a lê com maturidade e sim com os conhecimentos que sua idade permite. Já o adulto maduro e consequentemente mais experiente observa mais os aspectos do texto, fica mais atento aos detalhes, e obtém uma interpretação mais consistente do que um jovem, pois os ideais mudam conforme o tempo vai passando.  
 O jovem/ criança não se atenta a todos os detalhes em relação ao conto de fadas. Este gênero foi produzido com o intuito de que a criança ao lê-lo tenha a possibilidade de se auto encontrar. Já o adulto não se permite ler com a inocência de uma criança e sim com a experiência. Desta forma atentemo-nos nas palavras de Ítalo Calvino:

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes).   
(CALVINO, 1993, p. 02)

Nota-se mediante as palavras do autor que ao tomar contato com um determinado conto de fadas a criança ou adolescente depara com um universo diegético apreciado e interpretado por inúmeras outras pessoas. O clássico lido hoje já contribuiu com outras culturas e já ajudou a compor muitas outras personalidades.  
 Naturalmente, a sua estrutura permanece invariável, mas o olhar do leitor em tempos e espaços diferenciados oferece nuances diferenciadas ao longo do tempo.  
 Em face de tais implicações no capítulo que se segue estabeleceremos uma visada analítica no conto de fadas “Cinderela”, pensando, sobretudo, na postura feminina adotada pela protagonista no Romantismo do século XIX.

**Capítulo 2**

**Cinderela: A postura feminina na sociedade do século XIX**

**2.1 O Conto**

Cinderela é um dos contos de fadas mais conhecidos e provavelmente um dos mais apreciados também, ele foi escrito há muito tempo, tendo suas origens na China “Quando foi registrada na China durante o século nove D.C (BETELHEIM, 1980, p.277)”.  
 É de costume cultural oriental o uso de faixas nos pés das chinesas, com um intuito de tornar os pés pequenos (pois com a pressão que as faixas faziam, possibilitava a diminuição dos pés, mas também a deformação), exercendo assim a feminilidade e sedução da mulher, pois pés pequenos eram considerados belos:

De virtude extraordinária, de distinção e beleza, bem como o sapatinho feito de um material precioso são facetas que indicam a origem oriental, mesmo que não necessariamente chinesa (BETELHEIM, 1980, p.277).

No entanto, o tempo passou, e a leitura feita hoje em dia não foca necessariamente nos pés pequenos de Cinderela:

O ouvinte moderno não associa a beleza e atração sexual em geral com um pezinho extremamente pequeno, como faziam os antigos chineses, de acordo com o costume de enfaixar os pés das mulheres (BETELHEIM, 1980, p.277).

Após a criação de Cinderela no Oriente, Charles Perrault que foi um importante escritor francês, autor de inúmeros contos infantis, também fez sua versão de Cinderela. Logo em seguida os Irmãos Grimm, nascidos na Alemanha e também grandes autores de vários contos, escreveram mais uma versão do conto Cinderela, e é esta versão que será trabalhada aqui.  
 Em seguida, será exposto uma síntese do enredo de Cinderela – versão dos Irmãos Grimm – para melhor contextualização do presente trabalho.  
 Havia um casal feliz, que tiveram uma linda, doce e gentil filha. Viviam felizes, até que a bondosa mãe de Cinderela ficou doente e em seu leito de morte pediu para que Cinderela sempre fosse humilde e gentil, sempre acreditando que a mãe lá do céu estaria cuidando dela. Dito essas palavras, faleceu.  
 Cinderela chorou muito pela morte da mãe, mas passado algum tempo o pai de Cinderela encontrou uma mulher viúva, mãe de duas filhas, pela qual se apaixonara e com quem se casou. A partir daí a vida de Cinderela mudou completamente, a madrasta e suas irmãs postiças a transformaram em uma serviçal, e a apelidaram de Gata Borralheira. A garota já não tinha nem ao menos cama para dormir; passava as noites próxima à lareira juntos aos borralhos. Ela passava por inúmeras humilhações, no entanto não contestava nenhuma das ordens que lhe era imposta, e era sempre gentil assim como sua mãe em seu leito de morte havia lhe pedido.  
 Em um lindo dia, o rei convidou todas as donzelas que fossem a um baile no reino, o qual era destinado para o príncipe escolher sua princesa, as irmãs ficaram animadas com a ideia de poderem ser a princesa. Cinderela também quis ir e pediu a madrasta. Seu pedido foi negado, e ela ficou extremamente triste, no entanto ela não imaginava que uma pombinha branca iria ajudá-la. Esta pombinha apareceu, arrumou-lhe em traje de gala e em um passe de mágica como a mais bela moça que foi ao baile.   
 Chegando lá, todos se deslumbraram com Cinderela, principalmente o príncipe, que só quis dançar com ela, no entanto o encanto de princesa tinha hora para acabar. À meia-noite, quando chegou a hora ela saiu correndo, e sem dar explicações ao príncipe. Na pressa, acabou deixando teu sapatinho cair e a partir desse sapatinho, o príncipe ordenou que todas as moças o experimentassem, e em quem servisse seria sua princesa.  
 Várias moças do reino tentaram calçar o sapatinho, as irmãs de Cinderela, tentaram trapacear, mas era tão pequeno o sapatinho que apenas em Cinderela coube. Quando ela calçou o sapato, o príncipe a reconheceu como sua princesa e casaram-se. A madrasta e suas e irmãs foram desprezadas de todo o reino.  
 Sabe-se, contudo, que os contos de fadas foram escritos no século XIX – época do Romantismo. Dessa forma, será feito uma análise observando a postura feminina em Cinderela, considerando o tempo e as características do movimento literário romântico.

**2.2 A submissão em Cinderela**

Em “Cinderela” é possível observar algumas características do Romantismo, como a submissão da protagonista e a grande tristeza e melancolia de Cinderela pela a morte de sua amada mãe. Ia todos os dias visitar seu túmulo para chorar pela sua perda. Aqui notamos a não aceitação de Cinderela pela perda de sua mãe, causando transtornos a ela, como a tristeza que a tomara. Outra característica que esse conto possui é a presença da imagem de Deus, tida pela mãe de Cinderela, “-Amada filha, continua sempre boa e piedosa. O amor de Deus há de acompanhar-te sempre. Lá do céu velarei sempre por ti.” (Irmãos Grimm, 1812, n.p)  
 Crença essa, que Cinderela compartilha, tendo em vista as circunstâncias em que ela submete-se, por crer nas palavras da mãe e em Deus. Depois da fala da mãe, citada acima, ela falece.  
 Chega o inverno e depois a primavera. Quando ocorre essa transição de uma estação para outra:

Quando o inverno chegou, a neve fria e gelada da Europa cobriu o túmulo com um manto branco de neve. Quando o sol da primavera o derreteu, o seu pai casou-se com uma mulher ambiciosa e cruel que já tinha duas filhas parecidas com ela em tudo. (Irmãos Grimm, 1812, n.p)

É possível afirmar que a dor de seu pai pela perda da esposa já havia passado, e que agora mudara uma estação em sua vida - a primavera, viva, perfumada e alegre - adjetivos esses que tem a intenção de incitar felicidade à vida de seu pai, no entanto, o que ocorre com a vida de Cinderela é o contrário disso.  
 Seu pai casa-se novamente, agora com uma viúva, que consigo trás suas duas filhas, a partir daqui a vida de Cinderela muda completamente, ela é rejeitada e feita de serviçal, pelas três.

Mal se cruzou com elas a pobre órfã percebeu que nada de bom podia esperar delas, pois logo que a viram disseram-lhe com desprezo:  
- O que é que esta moleca faz aqui? Vai para a cozinha, que é lá o teu lugar!!!  
E a madrasta acrescentou:  
- Têm razão, filhas. Ela será nossa empregada e terá que ganhar o pão com o seu trabalho diário.  
Tiraram-lhe os seus lindos vestidos, vestiram-lhe um vestido muito velhoe deram-lhe tamancos de madeira para calçar. (Irmãos Grimm, 1812, n.p)

Sendo assim, fica visível que há certa competição nesta relação causada pela inveja aparente, pois Cinderela possui casa, pai e vestidos lindos, já a madrasta, as características que estão frisadas no conto, são de que é maldosa, por tudo que empreende contra Cinderela. Além disso, as filhas da madrasta não possuem pai. Naquela época mulheres sem maridos, filhos (as) sem pais, não eram bem vistos pela sociedade, o que também dificultava a sobrevivência, pois eram sempre os homens que cuidavam e mantinham a casa honrosa e alimentada, aquele que era responsável pelos proventos da família. Com isso é notório que o principal elas não tinham - um pai e um marido - com isso quiseram arrancar de Cinderela a força, pois elas já não possuíam mais o que Cinderela tinha, e como agora faziam parte dessa casa, acharam-se no direito de tomar a vida de Cinderela. Bettelheim explica que em “Cinderela” ocorre uma disputa fraternal:

Há muitos exemplos na língua alemã de que o fato de ser forçado a viver entre as cinzas era símbolo não só de degradação, mas também de rivalidade fraterna. (BETELHEIM, 1980, p.278)

Elas acreditam que Cinderela, como filha legítima, possui e possuirá uma atenção maior do pai, e responsável pelo sustento delas, creem que se elas não fizerem algo Cinderela será privilegiada pelo pai. “O temor de que em comparação a eles não possa obter o amor e a consideração dos pais é o que inflama a rivalidade fraterna na criança. (BETELHEIM, 1980, p.279)”  
 O pai é considerado o homem da casa, este que todas querem a atenção. É sabido que entre as mulheres há certa rivalidade e, este pormenor é reforçado pelo machismo. Levando em consideração a época em que fora escrito o conto, a sociedade era dominada pelos homens, e se a mulher tem ao seu lado um homem digno, ela será melhor vista diante da sociedade, a madrasta por ser a esposa, e as filhas por consequentemente possuírem um pai, desta forma possuíram bons modos, bons costumes, o quais foram ensinados por um homem.

Sociologicamente, a agressiva competição entre as mulheres dá-se principalmente com o fato de que, nascidas e criadas numa sociedade dominada pelos homens, internalizamos a perspectiva masculina e a tomamos como nossa. O “olhar masculino” sobre as mulheres como objetos torna-se, assim, quase que profecia que se cumpre em si mesma. Quanto mais consideramos a validação masculina (ou a validação sob os valores tidos como masculinos) como a única fonte de força, valor e identidade, mais somos levadas a batalhar umas com as outras pelo “prêmio. (TOSI, 2016, n.p)

O que é observado com mais nitidez hoje, é o que ocorreu desde muito tempo na sociedade, pois a crença de que os homens são seres superiores existe desde os primórdios da criação do mundo. E essa rivalidade causada pela crença da madrasta e irmãs de Cinderela causa inúmeras situações de humilhação à heroína.  
 Em meio a tantos acontecimentos terríveis em relação à Cinderela, uma pomba branca surge quando a pobre donzela está a chorar no túmulo de sua mãe. O inusitado acontece, quando a pomba diz:- Não chores mais, minha querida. Lembra-te que, a partir de agora, cumprirei todos os teus desejos. (Irmãos Grimm, 1812, n.p)  
 É de conhecimento universal, que a pomba branca representa um símbolo da paz. Além disso, simboliza harmonia, pureza, esperança, simplicidade e no olhar da religião cristã, também pode representar o Espírito Santo, assim como está em Os Evangelhos de Lucas (3, 21-22):

Todo o povo foi batizado. Jesus, depois de batizado, estava rezando, então o céu se abriu, e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como pomba. (BIBLIA SAGRADA, 1990, pp. 1253/1254)

Aqui há uma intertextualidade bíblica presente, essa crença em Deus e exaltação divina é uma característica grandiosa do momento literário que fora escrito o conto Cinderela - o Romantismo.  
 Com isso pode-se dizer que com a aparição dessa pomba é possível a oportunidade de mudança para a Cinderela, o reencontro da felicidade e paz espiritual.  
 A madrasta de Cinderela continua a reger as regras dentro de sua casa, e tratá-la mal, inclusive excluindo-a de bons momentos que seriam de extrema importância e felicidade para a protagonista, como o baile do Príncipe. Este baile tem como intuito casar o príncipe com a donzela que mais lhe agradar em seu reino, a qual estará presente nessa festa grandiosa. O convite para o baile foi feito pelo rei:

O rei anunciou a todo o reino que ia dar uma festa durante três dias para a qual estavam convidadas todas as jovens que queriam casar-se, a fim de que o príncipe herdeiro pudesse escolher a sua futura esposa. (Irmãos Grimm, 1812, n.p)

No momento em que essa notícia chegou à casa de Cinderela, as suas irmãs ficaram muito entusiasmadas, e Cinderela também se animou a ir ao baile, no entanto sua madrasta, como autoritária e maldosa que é, tratou com desdenho a vontade de sua enteada.  
 Quando uma pessoa que possui os direitos de ser autoritário em um espaço, mas não está presente neste, uma outra pode ocupá-lo, contando que ela seja autoritária como tal, e assim a madrasta torna-se tão autoritária quanto um homem, na ausência do pai de Cinderela. É importante ressaltar que o autoritarismo só é possível, quando pessoas aceitam e seguem essas opiniões e ordens, assim como as jovens solteiras aceitam o convite do príncipe para se apresentarem a ele, a madrasta de Cinderela também dá ordens, ordens essas que são apoiadas por suas filhas.

Logo, o agente moral deve colocar em prática sua autonomia enquanto indivíduo, pois aquele que possui uma postura de passividade apenas aceita influências de qualquer natureza. Assim, consciência e responsabilidade são condições indispensáveis à vida ética ou moralmente correta (VÁZQUEZ, 2002, p.69).

Sendo assim, em Cinderela temos dois lados - a madrasta que coloca em prática sua autonomia, e Cinderela que possui a postura de passividade, e apenas aceita tudo que é imposto para ela. Outro fato importante a se ressaltar, é que a moral está presente nos contos de fadas, pois na vida, têm-se obrigações e direitos a serem seguidos, e quando são violados, ou imorais, há consequências: na mesma medida em que o Lobo que devora Chapeuzinho Vermelho é morto em expiação por sua atitude, Cinderela que toma a postura passiva sofre nas mãos da madrasta e de suas filhas.  
 Cinderela sente-se na obrigação de aceita-las, por ser a minoria oprimida e também por seguir arduamente o que sua mãe lhe disse em seu leito de morte: “-Amada filha, continua sempre boa e piedosa. O amor de Deus há de acompanhar-te sempre”. (Irmãos Grimm, 1812, n.p). Desta forma, sentia- se na obrigação de seguir aos conselhos da mãe sem hesitação, acreditando que estava fazendo o correto, sem se importar com a dor que isso a causaria, sem se questionar se isso realmente era o melhor a se fazer com sua vida.  
 Com o convite do rei e tomadas de euforia surge uma situação na qual se pode afirmar que a aceitação de um homem comandar a vida das mulheres, e que o reconhecimento deles em relação à esposa, seja então o ponto máximo de que uma mulher possa atingir em sua vida. Este pormenor pode ser observado quando as irmãs estão se arrumando para o grande baile. “– Penteia-nos e veste-nos, pois temos que ir ao baile do príncipe para que ele possa escolher qual de nós duas será a sua esposa.” (Irmãos Grimm, 1812, n.p)  
 Elas devem se arrumar exclusivamente para um homem, com a intenção de que ele escolha a mais bela fisicamente, sendo assim, a mulher deveria preocupar-se com o seu corpo e aparência, para encantar aos homens, para que assim pudesse casar-se. O homem aqui é tido como autoridade absoluta, pois são as donzelas do reino que tem que ir até o príncipe, para que ele escolha quem ele queira. Ele possui o poder da escolha, e as mulheres o direito de se apresentarem a ele. Isso é aceito como uma situação normal, sem questionamentos ou oposições.

A mulher era um ser destinado à procriação, ao lar, para agradar o outro. Durante o desenvolvimento das sociedades, a história registra a discriminação homem-mulher, principalmente em relação à educação. Ao atribuir aos homens a condição de donos do saber e às mulheres o papel feminino, subordinado ideologicamente ao poder masculino. (RODRIGUES, s/d, p.4).

E assim, como acima citado, fica evidente como seria a postura aceita pela sociedade naquele tempo. Bordieur, também explica sobre os direitos da mulher na sociedade:

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objectos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser percebido (percipi) tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objectos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam "femininas", isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. (BOURDIEU, 2002, p. 41)

E assim seguem os comportamentos das irmãs de Cinderela, é interessante notar também, que elas fazem questão de se apresentarem dessa forma.  
 Cinderela, ao ver as filhas da madrasta se arrumando para o baile, entrou em desespero e suplicou a madrasta para que pudesse ir, foi neste momento que a madrasta lhe disse:

- Está bem! Se separares as lentilhas em duas horas, irás conosco.  
A menina saiu para o jardim a chorar e lembrando-se do que a pomba lhe tinha dito, expressou o seu primeiro desejo:  
- Dócil pombinha, rolinhas e todos os passarinhos do céu, venham ajudar-me a separar as lentilhas. (Irmãos Grimm, 1812, n.p)

Com isso nota-se a maldade e insensibilidade da madrasta com a sua enteada. Contudo, a tristonha, desolada e aflita Cinderela, não desaponta a madrasta e nem a enfrenta, aceita as ordens, mesmo que isso a machuque. Entretanto é visível a fé, e crença de Cinderela de que alguém ou algo irá ajudá-la, quando ela chama “rolinhas e passarinhos do céu” pode ser a crença em Deus, pois no início sua mãe havia lhe dito que se fosse piedosa, o amor de Deus iria acompanhá-la. Os pássaros chamados por Cinderela atenderam-lhe seu pedido:

Duas pombinhas brancas, seguidas de duas rolinhas e de uma nuvem de passarinhos entraram pela janela da cozinha, e começaram a bicar as lentilhas. E muito antes de terminarem as duas horas concedidas, separaram as lentilhas. (Irmãos Grimm, 1812, n.p)

Como já foi citado anteriormente a pomba pode representar o Espírito Santo na religião cristã. O pássaro aparece e realiza o pedido de Cinderela assim que é chamado. Sendo assim, a crença de Cinderela possui um fundamento espiritual, o qual é firmado novamente, quando as aves aparecem e sempre ajudam a pobre donzela. No entanto, todo esforço, tanto de Cinderela quanto das aves fora em vão, a madrasta não permitiu que Cinderela fosse ao baile.  
 Cinderela sente-se triste, e vai até o túmulo de sua mãe e, em baixo da árvore, que ela mesma havia plantado ali, implora: - Árvorezinha. Toca a abanar e a sacudir. Atira ouro e prata para eu me vestir. (Irmãos Grimm, 1812, n.p)

É então, que o ponto auge acontece no conto:

A pomba que lhe tinha oferecido ajuda, apareceu sobre um ramo e, estendendo as asas, transformou os seus farrapos num lindíssimo vestido de baile e os seus tamancos em luxuosos sapatos bordados a ouro e prata. (Irmãos Grimm, 1812, n.p)

Quando Cinderela apareceu no salão do Baile, todos ficaram deslumbrados com sua beleza, principalmente o Príncipe:

O príncipe ficou fascinado ao vê-la. Tomou-a pela mão e os dois começaram o baile. Durante toda a noite esteve ao seu lado e não permitiu que mais ninguém dançasse com ela.  
Chegado o momento de se despedirem, o príncipe ofereceu-se para acompanhá-la, pois ardia de desejo por saber quem era aquela jovem e onde morava. (Irmãos Grimm, 1812, n.p)

Esse fascínio e ardor por Cinderela dão-se pela sua aparência, por seu corpo; sendo assim, é de clara compreensão que o Príncipe a deseja carnalmente, e não permite que outros homens dancem com ela, pois essa posição de escolha cabe somente a ele, dado que, este não permite que ela possua oportunidade de escolha de dançar com outro, visto que os sentimentos expostos durante a dança é apresentado apenas sob a perspectiva do príncipe.  
 Em seguida serão expostos os prêmios e castigos das mulheres, os quais são impostos pela sociedade patriarcal, momento que condiz com o conto e situação das mulheres presentes nele:

Os prêmios e castigos para as boas e más ações são a base da moral ingênua, que caracteriza as narrativas de origem popular. As mulheres recebem castigos especiais, que mostram o modo como o sexo feminino é manipulado na sociedade. O uso dos mitos nos contos de fadas em todas as culturas, sempre teve o objetivo de preservar as bases morais e ideológicas da sociedade patriarcal. (MENDES,1999, p. 111)

Com isso é possível afirmar o quão Cinderela é tida como objeto sexual do príncipe, tendo em vista que ele é homem e ocupa um lugar que deve ser respeitado por todos, principalmente pelas mulheres.  
 No outro dia - segundo dia do baile - Cinderela torna a fazer seu pedido:- Árvorezinha. Toca a abanar e a sacudir. Atira ouro e prata para me vestir. (Irmãos Grimm, 1812, n.p)  
 E tudo volta a ocorrer, mas agora ela está mais deslumbrante que no primeiro dia. Chegando ao baile, o príncipe, que a esperava impaciente a escolhe para dançarem novamente, e quando ela vai embora: o príncipe voltou a oferecer-se para acompanhá-la, mas ela insistiu que preferia voltar sozinha para casa. Mas desta vez o príncipe seguiu-a. (Irmãos Grimm, 1812, n.p)  
 Como Cinderela se nega ao que o príncipe pede, ele resolve tomar suas próprias decisões, não respeitando assim o que Cinderela havia lhe dito. Entretanto, Cinderela acabou se escondendo ao notar que estava sendo seguida, e o príncipe retornou ao castelo decepcionado.  
 No terceiro dia, Cinderela estava ainda mais encantadora. Chegando ao baile é notada por todos, e surpreendida com um beijo do príncipe, que dançou com ela durante toda noite. Quando chegou o momento de deixar o baile, ela acaba deixando seu sapato escapar de teus pés, é então que o príncipe apanha-os. No dia seguinte pede para que seus mensageiros vão em busca da dona dos sapatinhos. Aquela que conseguisse calçá-los seria sua princesa. Várias moças tentaram calçar o sapatinho, as irmãs de Cinderela tentaram enganar o príncipe, no entanto nenhuma tinha os pés tão pequenos quanto aos de Cinderela.

Quando Cinderela os calçou, eles serviram perfeitamente, o príncipe ficou extremamente feliz e a levou para o palácio, chegando lá eles se casaram. O pai, a madrasta e as irmãs, foram banidos do reino, quando todos souberam das atrocidades que Cinderela sofrera.

**2.3 Cinderela: uma heroína de seu tempo**

Em Cinderela foi possível observar a submissão da mulher ao homem. Sob o olhar machista da sociedade patriarcal, o quanto as mulheres daquele tempo lutavam por estarem mais próximas aos homens, podendo até ignorar e maltratar outras mulheres, caso se sentissem ameaçadas, de alcançarem seus objetivos.

O reconhecimento de um homem para com uma mulher - como boa filha e boa esposa - é tido como ponto máximo que uma mulher pode alcançar.

As mulheres se curvam aos homens, o seguem, e lutam por ele. Mesmo que essa luta, possa ser vista como influência da sociedade, continua sendo uma luta, a madrasta e as irmãs lutam para conseguirem seu lugar na sociedade, enfrentando de forma desonesta muitos obstáculos, entretanto não vencem, mas a perda de uma luta é necessária, para que o opositor possa vencer.

O adversário da madrasta e suas filhas é Cinderela. Ela que foi submissa a elas, aceitou suas regras e as seguiu, mas, isso não quer dizer, que ela também não lutou, a aceitação também é um ato que exige compreensão e força, e a crença em Deus e nas palavras que sua mãe lhe disse a auxiliaram.

No momento em que ninguém estava vendo, ela acreditou tanto em Deus, que conseguiu realizar o seu desejo, ir ao baile.

Em Cinderela é legítimo afirmar que a protagonista é uma heroína de seu tempo. Foi submissa, conforme os moldes do movimento romântico, aceitou grandes humilhações, mas também conseguiu vencer a maior batalha das mulheres na época do movimento literário Romantismo, a saber -casar-se – E casar com um príncipe. Mesmo que essa felicidade não seja expressa pela personagem, era o que a sociedade considerava a melhor vitória para uma mulher.

Mesmo que Deus tenha levado sua mãe, ela conseguiu superar. Sua nova família conseguiu arrancar seus bens materiais, machucou teu coração, mas ela saiu vitoriosa. Lutou e manteve sua fé, com isso pode-se afirmar que Cinderela é uma mulher heroica em seu tempo, mesmo com as várias tentavas contrárias de destruí-la.

Seguindo esta perspectiva analítica, no capítulo que se segue estabeleceremos uma visada no conto “A protegida de Maria”.

**Capítulo 3**

**A Protegida de Maria: uma heroína problemática**

* 1. **Sobre o conto**

A Protegida de Maria foi escrita por volta de 1812, pelos Irmãos Grimm, grandes escritores alemães, autores de vários contos de conhecimento mundial.

Em tempo, apresentaremos uma síntese do conto para melhor contextualização deste capítulo.

O conto se inicia com uma situação de extrema pobreza. Certa família não tinha como alimentar sua inocente criança e, eis que surge uma figura divina - a Virgem Maria, como é conhecida na religião cristã, aquela que deu a luz a Jesus Cristo. Com a sua aparição ela propõe uma solução para o problema angustiante daqueles pobres pais “- Sou a Virgem Maria, mãe do Menino Jesus, e tu és pobre e necessitado: traga-me tua filha, vou levá-la comigo, ser sua mãe e cuidar dela." (Irmãos Grimm, 1812, n.p). Sendo assim, o pai aceita a proposta, pois acredita ser a melhor opção.

Ano após ano ela crescia feliz e saudável, sempre rodeada de anjinhos. Certo dia a Virgem Maria lhe avisou que iria passar um tempo longe da menina, ela lhe entregou treze chaves, das quais a menina só poderia abrir as primeiras doze, a décima terceira estava proibida. E assim foi. A cada dia ela abria uma sala e se divertia com os anjinhos, no entanto, houve um dia em que sua curiosidade a tomou e ela abriu a porta proibida. Ela foi tomada por um sentimento angustiante quando tocou no fogo celestial, o qual não cessou quando a Virgem Maria chegou:

Ela chamou a menina e solicitou as chaves de volta. Quando ela apresentou o molho, a Virgem olhou em seus olhos e perguntou: "E não abriste mesmo a décima terceira porta?" - "Não," respondeu. Então ela pousou a mão sobre o coração da menina e sentiu como ele estava batendo sobressaltado, de modo que percebeu que sua ordem tinha sido desobedecida e a porta fora aberta. Então perguntou mais uma vez: "Realmente não a abriste?" - "Não," respondeu a menina pela segunda vez. Aí a Virgem avistou o dedo que ficara dourado pelo toque do fogo celestial e teve certeza de que ela pecara, e perguntou pela terceira vez: "Não a abriste?" - "Não," respondeu a menina pela terceira vez.

Como ela obteve-se em negação, ela expulsa do céu, pois a Virgem Maria lhe “Então a Virgem Maria disse: "Tu não me obedeceste e além disso ainda mentiste, portanto não és mais digna de permanecer no Céu. (Irmãos Grimm, 1812, n.p)

Com isso, caiu em sono e acordou na terra, onde encontrou uma árvore oca, a qual tomara como sua morada, já que não sabia para onde iria. Ali conheceu a fome, o frio e a solidão, e quando se sentia assim lembrava dos momentos felizes que viveu no céu. O tempo passou, suas roupas rasgaram-se e seu longo cabelo dourado era o que lhe cobria.

Em um dia de caça do Rei de um dado reino, estava caçando na floresta a qual morava a moça caída do céu, ao adentrar na floresta acabou a encontrando. Surpreendeu-se com sua beleza. Ele perguntou quem ela era, mas não obteve resposta, pois sua boca estava selada.

O rei viu-se deslumbrado com aquela donzela maravilhosa, assim, a convidou para o reino e ela apenas concordou com a cabeça, e com isso a levou para o seu castelo, e exigiu que seus serviçais a vestisse com os mais belos e melhores trajes. Não demorou muito para que ele se apaixonasse pela moça. Assim sendo, acabaram casando-se.

O casal teve três filhos saudáveis. Quando seus dois primeiros filhos nasceram, a Virgem Maria descera dos céus e disse à garota que ela a havia salvado da pobreza:

Se quiseres dizer a verdade e confessar que abriste a porta proibida, destravarei tua boca e devolverei tua fala, mas se insistires no pecado e teimares em negar, levarei comigo teu filho recém-nascido. (Irmãos Grimm, 1812, n.p)

Nas duas vezes foi a ela devolvida a voz, e nas duas ela se negou a dizer a verdade e a Virgem Maria levou seus filhos. Todos do reino começaram a dizer que a rainha comia carne humana, por isso os filhos sumiam, pois ela os devorava, o rei a amava tanto que não acreditava no povo.

Quando a mulher teve seu terceiro filho, a Virgem desceu novamente dos céus, só que desta vez a abordagem foi diferente, ela levou a mulher para ver os filhos alegres e saudáveis no céu, e tornou a perguntar sobre o ocorrido no passado. A protagonista se negou a dizer a verdade, e a Virgem tomou seu terceiro filho.

Com três filhos desaparecidos, todo o reino a acusou novamente, e o rei se viu sem saída, ela foi condenada a morte pelo fogo. Quando já estava amarrada, em pensamento confessou que havia aberto a porta, com isso uma grandiosa chuva caiu, e a Virgem surgiu com os três filhos da mulher e disse: "Quem confessa e se arrepende de seu pecado, sempre é perdoado,” (Irmãos Grimm, 1812, n.p) e entregou-lhe as três crianças, soltou-lhe a língua e deu-lhe de presente a felicidade para a vida inteira. E assim se encerra o conto.

**3.2 O Romantismo**

A presença constante da Virgem Maria neste conto potencializa o momento, o qual fora escrito - o Romantismo - esse movimento tinha como uma de suas características a exaltação divina. O pecado e o perdão também estão presentes, como é de conhecimento cristão o pecado é natural do ser humano, no entanto, quem se arrepende e pede perdão, sempre será perdoado por Deus. Neste conto, fica entendido também que quem não se arrepende é castigado.

A pobreza a qual se trata no início, pode ser vista como uma forma de crítica social, tendo em vista a fartura dos reinos, e a fome dos plebeus. Outra crítica possível de se analisar são os cristãos crendo em Deus, que sempre haverá uma melhoria, mas continuam a sofrerem. Mesmo que a Virgem tenha descido dos céus e levado a pobre criança, a pobreza dos pais iria continuar, pois em nenhum instante foi citado no conto que houve uma melhoria de vida para os pais da menina.

Tendo em vista o momento histórico, o conto será analisado a seguir, sob uma visão da vivencia da mulher nessa sociedade.

**3.3 A protegida de Maria como uma protagonista empoderada**

No presente conto, é possível observar uma mulher forte, que mesmo conhecendo o que a religião e valores da sociedade patriarcal prega, segue assuas vontades, ela é a criança retirada da terra, que cresce no céu até a adolescência, depois volta para terra, e após alguns anos casa-se com um rei. No conto não é dado a ela nome, apenas se sabe de sua história.

Nela podemos observar princípios religiosos, pois foi criada no céu, sob a proteção da Virgem Maria, a qual é quebrada pela curiosidade da menina quando lhe é negado abrir a décima terceira porta:

[...] e ela sentiu um grande desejo de saber o que estava escondido atrás dela. Por isso disse aos anjinhos "Não abrirei a porta por inteiro e também não entrarei, mas vou entreabri-la para olharmos um pouquinho pela fresta. (Irmãos Grimm, 1812, n.p)

A curiosidade e o desejo a fez pecar, pois ela abriu a porta, sendo assim o desejo pode ser considerado algo que afaste a mulher dos princípios religiosos levando-a pecar.

Como é visível no conto, desde criança ela morava no céu, logo, lhe foi ensinado à palavra da bíblia, e de acordo com a bíblia ela sabe o que deve e o que não deve ser feito por uma mulher, no entanto, ao desejar e saciar, ela deixa essa crença de lado e segue o que ela tem vontade de fazer e não o que foi lhe imposto.

Após o ocorrido, ela foi mandada a terra como castigo, por desobediência e mentira. Neste espaço ela sofreu, e tinha saudade da boa vida que vivera no céu.

Quando o rei apareceu, e quis levá-la ao castelo, com a cabeça ela acenou concordando. No entanto não é mostrado no conto o pedido de casamento e nem o consentimento dela. Mas é explícito que ela tinha sua boca selada, a qual só é permitida a fala para que ela possa confessar seu pecado. Sendo assim, é possível notar o que era liberado às mulheres, não apenas à protegida, - a mulher só possui seu direito de fala quando convém à sociedade, ao contrário, suas vozes e vontades são seladas. Quem decide com quem ela se casa e se terá filhos são os homens, a sociedade conservadora e patriarcal, ou mesmo a vontade divina.  
 É sabido que, a sociedade patriarcal usa a bíblia como base para sua existência, impõe que as mulheres devem sempre serem submissas, e o direito de escolha é dado ao homem. Quanto à mulher cabe obedecer aos princípios que desde criança lhe é ensinado, a igreja prega que as mulheres sempre devem seguir as vontades divinas. Elas sempre devem obedecer às vontades, ordens e desejos dos homens, e jamais saciar seus desejos, pois devem seguir estritamente aos costumes religiosos e machistas.  
 A protegida recusa-se a admitir o que a Virgem lhe pede quando lhe é devolvido a voz e essa constante negação pode ser vista como uma não aceitação dos deveres da mulher naquela sociedade, não lhe perguntado se ela queria casar-se ou ser mãe. De modo simplista ela deixa que a Virgem leve seus filhos. Tal atitude pode significar uma rebelião aos moldes patriarcais, pois como não lhe foi questionado se ela desejara ser mãe, pode ser que a maternidade, para a protegida, não apresentasse valor profundo. Rodrigues ressalta os ideais frisados pela sociedade a respeito da mulher que vivia naquele tempo:

Devido às ideias iluministas, o Romantismo favoreceu o desenvolvimento e a expressão do amor em todas as suas formas. Nota-se a discriminação, consolidada pelo discurso da mulher frágil, emotiva, amorosa, incapaz, portanto, “inferior”, não permitindo o acesso ao conhecimento dessa condição opressiva. (RODRIGUES, s/d, p.5)

De acordo com Rodrigues, a mulher era então sujeitada a ser inferior. Às vezes era impossibilitado que ela pudesse perceber a sua real função naquela sociedade, a qual era ser submissa. Entretanto, a Protegida de Maria, aparenta estar a par de tudo o que ocorre ao seu redor, e repudia essa situação, com a sua negação excessiva.

Durante a retirada de seus filhos, ela não se manifesta contra a situação. Quanto aos ataques que sofre aos quais é chamada de comedora de carne humana, nessa situação ela vê-se impossibilita de defender-se, pois sua boca está selada, no entanto, como o rei não crê nessa atrocidade, e nada é feito a ela até o sumiço do terceiro filho, ela não demonstra preocupação. Quando seu terceiro filho é levado pela Virgem Maria, e ela é condenada à morte, na qual será queimada, ela então resolve admitir:

Quando haviam juntado a lenha e ela estava amarrada a um pilar e o fogo começava a arder a sua volta, então derreteu-se o duro gelo do orgulho e seu coração encheu-se de arrependimento e ela pensou: "Ah, se antes de morrer eu ao menos pudesse confessar que abri a porta." Nesse momento voltou-lhe a voz e ela gritou com força "Sim, Maria, eu a abri! No mesmo instante uma chuva começou a cair do céu apagando as chamas do fogo, e sobre sua cabeça irradiou uma luz, e a Virgem Maria desceu tendo os dois meninos, um de cada lado, e carregando a menina recém-nascida no colo. Ela falou-lhe com bondade: "Quem confessa e se arrepende de seu pecado, sempre é perdoado," e entregou-lhe as três crianças, soltou-lhe a língua e deu-lhe de presente a felicidade para a vida inteira. (Irmãos Grimm, 1812, n.p)

Esse arrependimento que é exposto pela protegida, levando em consideração toda a sua ação diante dos fatos vivenciados, aparenta ser um arrependimento apenas por sobrevivência, pois é somente quando ela se vê em grande perigo que resolve confessar-se. Deste modo, a confissão é para salvar-se, e não aos filhos, pois ela tinha esperança de que se confessasse seria liberta.

A Virgem Maria pode ser comparada à sociedade patriarcal religiosa, pois ela devolve os filhos da protegida, solta sua língua e presenteia-a com felicidade para vida inteira. O casamento e os filhos são considerados o auge que uma mulher pode alcançar em sua vida, e é necessária a voz, para que ela possa educá-los, pois essa função é dada à mulher como responsabilidade. A felicidade, assim, é consequência de sua submissão ao molde estabelecido, visto que neste espaço, considera-se que é quando uma mulher torna-se mãe que atinge seu ponto mais alto de felicidade. Não se pode desconsiderar, contudo, a posição de rebeldia da protagonista até chegar a este ponto de submissão, o qual somente ocorreu como forma de preservação da própria vida.

**3.4 Heroína na sociedade patriarcal**

Foi demonstrado que a Protegida de Maria possui um perfil empoderado, mesmo vivendo em um momento tomado pelo conservadorismo, pois ela se afasta da submissão e se aproxima de uma mulher que realiza suas próprias escolhas, obtendo assim a sua autonomia. Ela conhece os princípios da sociedade patriarcal, as enfrenta, é castigada por uma divindade, mas continua atuando em sua própria decisão, por conta e risco.

Empoderamento é quase sinônimo de autonomia, na medida em que se refere à capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito, escolher, enfim entre cursos de ação alternativos em múltiplas esferas política, econômica, cultural, psicológica, entre outras. Desse modo, trata-se de um atributo, mas também de um processo pelo qual se aufere poder e liberdades negativas e positivas. (HOROCHOVSKI, 2006, p.3)

Com isso, A protegida de Maria torna-se uma típica heroína moderna. Ela se afasta dos moldes românticos e se coloca com características da modernidade. Precisa fazer escolhas e não tem dimensão se tais atitudes serão bem sucedidas ou não. Este pormenor pode ser verificado em Georg Lukács:

Afortunados os tempos para os quais o céu estrelado é o mapa dos caminhos transitáveis e a serem transitados, e cujos rumos a luz das estrelas ilumina. Tudo lhes é novo e no entanto familiar, aventuroso e no entanto próprio. O mundo é vasto, e no entanto é como a própria casa, pois o fogo que arde na alma é da mesma essência que as estrelas; distinguem-se eles nitidamente, o mundo e o eu, a luz e o fogo, porém jamais se tornarão para sempre alheios um ao outro, pois o fogo é a alma de toda luz e de luz veste-se todo fogo. Todo ato da alma torna-se, pois, significativo e integrado nessa dualidade: perfeito no sentido e perfeito para os sentidos; integrado, porque a alma repousa em si durante a ação; integrado, porque seu ato desprende-se dela e, tornando si mesmo, encontra um centro próprio e traça a seu redor uma circunferência fechada. (LUKÁCS, 2000, p. 25)

Desta forma, a protegida de Maria pode ser considerada uma heroína moderna mediante suas ações, pois se afasta daquele herói épico, o qual tinha seu destino dado pelos deuses e não precisava se preocupar em fazer escolhas. Assim sendo, neste espaço (moderno) a protagonista torna-se a heroína problemática, pois vive em uma sociedade complexa, não mais numa comunidade e precisa enfrentar as consequências de suas escolhas.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acerca dos dados expostos neste trabalho, é possível afirmar que os contos de fadas demonstram grande importância ao estudo da literatura. Com suas protagonistas femininas, não apenas auxiliam a criança que os lê em sua vivência, mas torna possível a observação do momento histórico o qual fora escrito, da posição da mulher e, principalmente o movimento literário Romantismo.

Com protagonistas femininas observamos então como a sociedade patriarcal, lida e trata a mulher dessa época. Muito era esperado delas, elas não obtinham um bom lugar na sociedade, mas era de extrema importância sua existência, pois com elas era possível a valoração masculina, e a posse do poder, para assim, se sentirem superiores, sendo elas, submissas como obrigação e direito.

Neste trabalhado, foram analisados dois contos de fadas, sob a versão dos escritores Irmãos Grimm, escritos há muito tempo, durante a primeira década de 1800, são eles: “Cinderela” e “A protegida de Maria”, no entanto o primeiro é mais reconhecido do que o segundo.

Neles são observados duas personalidades femininas diferentes. Cinderela aceita o que lhe é imposto, e representa a mulher submissa, e com isso, sofre com a sua passividade, mesmo assim, ela consegue vencer os sentimentos e as pessoas que a afligem. Já em “A protegida de Maria”, o que se observa é uma adolescente e mulher, que sempre quebrou as regras da sociedade, sem se lhe importar com as consequências, esta sofre e é castigada pelos teus atos, no entanto não aceita aos preceitos dados a ela. Ao final temos uma reviravolta a qual ela sede, mas não sede pelo outro, e sim por ela própria, sempre pensando nela.

Cinderela consente em ser submissa e a protegida busca se negar a esse sistema, entretanto, ambas podem ser consideradas heroínas de suas histórias e tempo, pois conseguem vencer suas batalhas internas e externas. Assim, em plena sociedade romântica, os Irmãos Grimm constroem duas heroínas que se aproximam e se afastam das características do Romantismo, no entanto, a partir de tais personagens de ficção, em muito se pode compreender a posição da mulher naquela sociedade. Com efeito, ao compreendermos tal posição no século XIX, podemos refletir acerca do espaço conquistado pela mulher na sociedade contemporânea.

**REFERÊNCIAS**

Bíblia. Português. Bíblia sagrada: Edição Pastoral. Ivo Storniolo, Euclides Martins Balancin, José Luiz Gonzaga do Prado. São Paulo: Paulus, 1990. 1253/1254 p.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. In: Por que ler os clássicos.São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DE PAULA, Lucas Giovanni Coelho; LAURINDO, Priscila Fernandes de Araújo; VIANA, Pablo Moreno Fernandes. **Empoderamento ou Objetificação: Um estudo da imagem feminina construída pelas campanhas publicitárias das marcas de cerveja Devassa e Itaipava.** Disponível em:http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1863-1.pdf Acesso em : 10/09/2018

GRIMM, Irmãos. A protegida de Maria. Disponível em: <https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/a_protegida_de_maria> Acesso em: 12/08/2018

GRIMM, Irmãos. Cinderela. Disponível em:<https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/a_gata_borralheira_cinderela> Acesso em: 12/08/2018

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HOROCHOVSKI, R. R. Empoderamento: definições e aplicações. In: 30º Encontro Anual da Anpocs – 24 a 28 de outubro de 2006.

LIMA DUARTE, Constância. **Literatura feminina e crítica literária**. **Travessia**, n. 21, p. 15-23, 1990.

LUKÁCS, Georg. **teoria do romance, A**. Editora 34, 2000.

MENDES, Mariza. **Em busca dos contos perdidos; O significado das funções femininas nos contos de Perrault.** São Paulo: Editora da UNESP / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

MENÉRES, Maria Alberta. **Sonhar o Passado: a importância dos contos de fadas**. Porto, Ed. Asa, 2003.

RODRIGUES, Valeria Leoni. **A IMPORTÂNCIA DA MULHER**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf> Acesso em: 17/09/2018

SANFRANSK, Rudge. **Romantismo: uma questão alemã**. Trad. R. Rios. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

### [TOSI,](https://medium.com/@marcelactosi) Marcela. A “rivalidade feminina” e as possibilidades de nos fazermos feministas. Disponível em: <https://medium.com/@marcelactosi/a-rivalidade-feminina-e-as-possibilidades-de-nos-fazermos-feministas-663d2e4df7a> Acesso em: 10/09/2018

### 

VÁZQUEZ, **A. Ética**. 23ª ed. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2002.